
Privacy / public space

Presentation of articles

EURAU'12

ABSTRACT. Three ways of approaching into public space concept will be explored. We will look into the work of three great thinkers such as: José Luis Pardo (Formas de la exterioridad) Michael Foucault (Des espaces autres / Hetérotopies) and Gaston Bachelard (L'expérience de l'espace dans la physique contemporaine/ La poésie de l'espace) It tries to extract an appropriate methodology to analyze and recognize the public contemporary space, understanding our fragmentary contemporary vision.

It is necessary evaluate and verify how these concepts affect the way we understand contemporary public spaces. The paper will examine as a case study the character of Santa Teresa de Avila. The founder is displaced within the time that Jose Luis Pardo defined as "la aniquilación del exterior". She lives in a intermediate space, in the intimacy, the mystical experience, the duality between the space of domesticity and the public space. Those spaces are settled abode from a viewpoint that is a mutation in the space.

This communication is part of a broader investigation that is formalized in a PhD thesis in progress. It examines the spatiality of the world of intimacy and the relationships established with the outside space. The case of study is the character of Santa Teresa de Avila.

KEYWORDS. Privacy, experience, intimacy, Hetérotopies, phenomenology

Mercedes Camina del Amo*

**Escuela Técnica Superior de Arquitectura,
Universidad Politécnica de Madrid
Avenida Juan de Herrera 4, 28040
Ciudad Universitaria- Madrid. España
mercedes.camina.del-amo@hotmail.com
91.336. 44. 11 // 661.57.31.74*

1. Intimidad

"... nosso 'tempo' já não seria contínuo com relação ao passado [...] mas sim um 'espaço' isolado (uma cela) y separado do 'curso do tempo'; o tempo teria deixado de se conservar: tratar-se-ia de uma sociedade sem memória, a sociedade – como diria Kundera – 'do riso e do esquecimento'. Uma cidade sem exterioridade nem interioridade, sem ruas nem casas, sem essência nem identidade"

Em palavras de Jose Luis Pardo, o pensamento pós-contemporâneo dinamitou tanto a experiência da interioridade como a da exterioridade mediante a divisão do tempo. Derivado disso se produz a fragmentação da experiência. Destaca em seu livro *Formas de la Exterioridad* a nova situação que está produzindo-se a respeito da nossa relação com a interioridade-exterioridade: ou seja, sobre a nossa forma de habitar. Previamente, existia, de acordo com a análise do filósofo espanhol, uma preeminência do tempo, forma da interioridade, ante o espaço, forma da exterioridade. Define o corpo como "tempo perdido" em contraposição à alma que é substancialmente "memória". *"não é simplesmente que a alma seja um receptáculo ou uma cavidade, mas que o chega a ser, que a alma chega a se constituir como cavidade interior a base de reter, de recordar, de armazenar as sensações, de não perder as lembranças. A memória não é uma "faculdade" da alma, mas a alma um produto da memória".*

A memória é o mecanismo de interiorização da exterioridade. *"A memória não é uma "faculdade" do homem, mas um órgão – divino – do ser graças ao qual o que é se abriga e recolhe em e sobre si mesmo no tempo"* Para a filosofia anterior, a alma, a intimidade se configura através da memória. Nesse mesmo sentido, a exterioridade, a dissolução desse espaço lacrado é o esquecimento que corresponde ao mundo mais carnal. José Luis Pardo assume essa intimidade como uma dobra da própria exterioridade.

A **intimidade** fica definida por aquela zona restringida, reservada da pessoa a qual ninguém tem acesso se não lhe é aberta uma possibilidade de acesso. (Manuel Seco, Dicionario de español actual, 1999. pag 28) *"tudo aquilo que não é possível que ninguém conheça se não o damos a conhecer"* A alma humana tem essa capacidade de ser interioridade, recinto no qual abrigar, deter ou derramar, qualidades que segundo Pardo, só pode possuir um recipiente. Esse, interior, essa intimidade que a alma encerra, é secreta e deve permanecer assim, lacrada, oculta ao domínio público. A intimidade e o espaço público são então antitéticos? Pode o espaço público ser um espaço para a intimidade?

O privilégio do tempo de épocas anteriores se traduz como um privilégio de interioridade. Esta idéia se manifesta no pensamento hegeliano do corpo como espaço contraposto à interioridade. A exterioridade é o mundo sensível, o esquecimento, a perda do tempo: o espaço. O olho e a mão são os sentidos primordiais da exterioridade. O mundo dos úteis, da cotidianidade, o anonimato, o usual...

Pardo destaca na sua obra *"La intimidad"* que existem duas formas de destruição da intimidade: transformá-la em publicidade ou transformá-la em privacidade, em propriedade dotada de possibilidade mercantil. Na opinião do filósofo, quando se produz esta destruição da intimidade surgem três falácias: a ilusão da publicidade na que se substitui a opinião pública pelas campanhas publicitárias; a ilusão de privacidade e a ilusão de intimidade substituída pela privacidade mercantil. O resultado é a banalização destes três aspectos.

O corpo fala para nos configurar, para escrever sobre nós. A alma e o corpo não são outra coisa que textos que, como tal, podem ser lidos. Para nosso filósofo, a impenetrabilidade não é outra coisa que a "resistência à tradução". Somos uma mensagem que não podemos compreender. Assim, a única oportunidade de conhecimento é chocar com outros corpos. É nesses encontros onde sentimos nossas "letras", nossas variações, misturadas com as letras do outro que impacta sobre nós. Trata-se de uma postura filosófica que fundamenta a existência nos sentidos, no sensível que me afeta como forma de conhecimento.

*"Os lugares e as coisas não estão dentro do espaço, mas o espaço nos lugares e nas coisas (como por outra parte, as horas não estão no tempo, mas o tempo nelas"*ⁱⁱ. Os fundadores dos espaços são homens do silêncio e do deserto. O indivíduo reconstrói uma e outra vez seu território repetindo gestos (Topos: o hábito). O nômade é aquele que não pertence a nenhum espaço, que se reparte ele mesmo, que se derrama, que muda de espaço, de sentidos e de palavras, que ocupa um lugar mas sem limites.

A experiência como base do conhecimento em Unamuno supõe que antes de conhecer e pensar, o homem sente, sofre o próprio ser. *"O sentir nos constitui mais que nenhuma outra das funções psíquicas, diríamos que as outras nós as temos, enquanto o sentir o somos"*ⁱⁱⁱ *"Na obra de arte e no belo que nela se expressa tem lugar uma revelação inesperada, estática, da autentica realidade [...] que se contrapõe à carência de autenticidade da vida cotidiana"*^{iv}. Estabelece uma nova forma de sentir-pensante que faz que a verdade se manifeste em <aletheia> <não escondimento>. Revela não de forma completa, mas desvelando uma parte: mostra o *phainomenon*, uma luz, da clareira do bosque.

Foucault destaca em palestra proferida no *Círculo de Estudios Arquitectónicos* em 1967 que o espaço contemporâneo se caracteriza pelo **posicionamento**. Este fica definido pelas relações de vizinhança entre pontos e elementos. Para ele, o espaço nos é dado sob a forma de **relações**. É interessante estudar o que Foucault considera os restos da sacralização do espaço visíveis na oposição entre espaço público e espaço privado ou espaço de lazer e espaço de trabalho. O autor destaca que passamos do espaço de localização medieval com seu conjunto de lugares hierarquizados ao espaço da extensão e daí ao de posicionamento.

Esta nova situação traz consigo uma série de problemas associados como o armazenamento da informação, a circulação de elementos. A definição de um espaço público seria dada principalmente por suas relações de vizinhança, tipo de circulação, de armazenamento ou de localização dos elementos internos.

Contudo, ainda se mantém uma sacralização de determinadas oposições como o público e o privado, espaço de lazer e espaço de trabalho, espaço familiar e espaço social. Foucault destaca que o pensamento contemporâneo desvelou que vivemos num espaço carregado de condicionantes e de qualidades. Não existe o espaço vazio. *"vivemos dentro de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e de forma alguma em superposição"*^v

A experiência de nos situar ante um espaço público tem duas direções: uma experiência de *saída e volta de si* que permite uma experiência relacional com o espaço muito mais intensa que a contemplação de uma cena completamente plana. Trata-se de um espaço que entra no próprio ser configurando-o consigo ao mesmo tempo que o próprio "observador" configura a paisagem que está *vivendo*.^{vi} O próprio corpo se converte de novo, como o foi na origem nômade, num meio para poder apreender o espaço. É necessário percorrê-lo, interagir com um grau de complexidade ainda maior que a simples visão estática de uma panorâmica.

O entendimento da natureza como paisagem através do olhar se deve a Petrarca (1304-1374) e sua subida ao Mont Ventoux a 26 de abril de 1336. Nesse momento começa o "prazer de olhar". Uma vez que interiorizou a vista panorâmica desde o cume, Petrarca tomou o livro das Confissões e leu o seguinte parágrafo do Livro X: "Os homens, geralmente, se admiram de ver a altura dos montes, as grandes ondas do mar, as largas correntes dos rios, a altitude imensa do oceano, o curso dos astros, e se esquecem do muito que têm que admirar em si mesmos. Então, satisfeito, pois já tinha visto bastante montanha, dirigi meu olhar interior a mim"^{vii}. É desde essa intimidade do olhar que a tese realizará uma releitura sobre a forma de habitar de Santa Tereza e os vínculos que estabelece entre interioridade e exterioridade.

"...(a contemplação só é possível no interior do templo ou da casa, lugar da «vida contemplativa»): contemplação significa teoria, ou seja, visão, visão que compreende: a rua é uma coleção de fachadas-significantes, e o templo uma coleção de casas ou interiores significados. A fachada, como todo significante, deve se tornar invisível para transparecer através de si o significado: não está feita para ser vista, mas para ser lida, é um signo ou uma consigna"^{viii}

A arquitetura se transforma em narração, em viagem, o texto, a palavra, é transformada em arquitetura, em morada. Em palavras de Maria Zambrano a metáfora é um universal antropológico de expressão com capacidade para organizar a realidade articulando as **relações** com o mundo. Através da metáfora se reorganizam as percepções e o espaço se configura desde o próprio corpo e a própria interioridade. Maria Zambrano procura dar uma visão unitária do conhecimento, uma forma de contemplar a realidade desde a totalidade da pessoa. "A linguagem é o instrumento fundamental através do qual se acede à verdade da obra, fundamentalmente através da <palavra poética> ou <Dichtung>, que nomeia ao ser, o mantém aberto e orienta à existência"^{ix} Seu pensamento, sua linguagem poética, é o método para apreender a realidade que entra no seio da transmissão da experiência mística recolhida na obra *As moradas* de Santa Teresa de Ávila. O pensamento de Zambrano abre a porta a uma interpretação do espaço assumindo a experiência dentro da própria interioridade como o olhar configurador e contemplativo dirigido à exterioridade e a interioridade...

"Somos figuras numa paisagem, o que indica dois caminhos que ocorrem unitariamente, o da saída de si, de maneira tal que ela mesma nos vai constituindo em centro, enquanto nos constitui horizonte, e a volta de si desde o horizonte que também se está construindo, o que nos centra. Pela força de como as coisas vão sendo, centro e horizonte não são formas fixas, mas essencialmente móveis; além disso, com um movimento de alargamento"^x

Para Gaston Bachelard, não vivemos num espaço homogêneo e vazio, mas num espaço carregado de qualidades. O conceito de espacialidade é compreendido desde os lugares e coisas que formam parte de uma determinada forma de viver ou habitar, trata-se do espaço existencial.

O emprego da metáfora "como instrumento para pensar objetos difíceis de determinar ou impossíveis de descrever diretamente"^{xi}. Com efeito, diz Ortega, quando usamos conscientemente um termo impróprio, é porque não conseguimos encontrar um próprio: a dificuldade não é somente a de nomear um certo fenômeno, mas também e sobretudo pensá-lo. A realidade, não aparece mediante conceitos, mas se encarna através da palavra, da metáfora, das imagens, da paisagem. A experiência do místico pertence ao mundo da mediação entre a paisagem interior e a exterior, empregando uma linguagem que permita tornar visível tudo aquilo que fica oculto aos olhos da razão desde a expressão estética, uma das características fundamentais do misticismo. Pode-se entender então a mística como uma espécie de mimese: "capacidade de exibir a representação de

algo, de tal modo que esse algo se faça presente, ou seja, que fique representado, em sua forma sensível e, em quanto tal, produza prazer (não precisamente pela exatidão da cópia, mas pela ilusão evocadora que suscite)”^{xii}

Considero que é necessária a verificação e valorização que estes conceitos anteriormente destacados, têm na construção do espaço público contemporâneo. Será analisado como caso de estudo a figura de Santa Teresa de Ávila. A fundadora aparece deslocada dentro do momento que José Luis Pardo define como “a aniquilação do exterior”. *“o tempo é o invólucro interior da alma, ou melhor, a conversão da alma sobre si mesma em forma de memória que conserva (e rebate) a passagem do tempo, e daí seu privilégio sobre o espaço... Pois o espaço é a desenvoltura da alma, o lançar-se ao exterior da interioridade, o desenvolvimento da alma fora de si em forma de esquecimento que derrama a passagem do tempo”*. Ela habita num espaço múltiplo no qual a intimidade, a experiência mística, a dualidade entre o espaço do doméstico e do público são morada colonizada desde um olhar que supõe uma mutação no espaço.

É a aproximação desde o que está dentro: a forma de habitar o território mediante duas ações: as “*andaduras*” e as fundações. A lógica dos “deslocamentos” teresianos pelo território é dada pelo tempo “monástico”. Teresa de Ávila se desloca em suas viagens utilizando carros e carruagens nos quais um habitar “nômade” os transformava em “conventos itinerantes” mediante um uso dos tempos, dos silêncios e os objetos característicos do habitar de Santa Teresa.

O olhar de Santa Teresa, supõe uma nova forma de conhecimento e aproximação da realidade. A nota característica de seus olhares é a interioridade, a acolhida em si do outro, o sensível, a intuição. A paisagem da interioridade, do acolher em si tomando a experiência do exterior, mas redesenhando essa paisagem no espaço íntimo. Trata-se de uma **experiência de intimidade**, que ao invés de lançar a própria cultura em direção à natureza, transformado-a em paisagem, **atrai rumo ao interior essa natureza**, misturando a própria personalidade, sentimentos, intuições e vivências formando essa **paisagem interior, íntima**. O resultado é um duplo movimento de receber e voltar a acolher em si, mas saindo por sua vez de si, um movimento de ida e volta à paisagem dentro da própria intimidade. Nesta configuração da paisagem, tem influência não só a própria racionalidade ou a visão intelectual, mas se integram todas as capacidades da pessoa, afetividade, sensibilidade e percepção se unem num só olhar. “É evidente que a arquitetura “enriquecedora” tem que dirigir todos os sentidos simultaneamente e fundir a imagem do eu com a nossa experiência do mundo [...] A arquitetura articula as experiências de ser-no-mundo e fortalece nosso sentido da realidade e do eu [...] O significado primordial de um edifício [...] está além da arquitetura; dirige nossa consciência ao mundo e ao nosso próprio sentido do eu e do ser. A arquitetura significativa faz que tenhamos uma experiência de nós mesmos como seres corporais e espirituais”^{xiii}

Aprofundando numa aproximação maior, aparecem os conventos como espaços do doméstico e a cela como núcleo do interior. O espaço para se distanciar do mundo, fechar-se num vazio. Tratar-se-á de estabelecer as relações ente o espaço e o corpo no habitar, a busca do silêncio e o movimento em direção à interioridade através do vazio dos espaços. *“Não há nenhum edifício que não tenha um limiar e cada vez que visito um lugar um dos momentos mais importantes é a entrada. O que sinto no instante de atravessar o espaço, que às vezes pode ser muito sutil, sempre é de vital importância. Uma parede cria dois polos de energia, é o limite que destaca a passagem de um estado a outro. Uma entrada é uma passagem entre um mundo exterior, que deixamos atrás e que supostamente conhecemos e as forças desconhecidas do interior”*.^{xiv}

No espaço da intimidade, habitamos nas palavras. A metáfora é a forma de habitar a intimidade de Santa Teresa. O processo metafórico se compõe de dois atos: toma uma série de objetos reais, os termos da metáfora para construir a partir deles um terceiro objeto real, que será o objeto estético (fusão dos outros dois). Isto sucede no que Ortega chama *lugar sentimental*, onde as imagens adquirem valor para o sujeito. A metáfora não se entende como uma transferência de significado, mas como *interação recíproca dos dois objetos*, que dá lugar à criação de um objeto novo e não simplesmente a *explicitação de uma semelhança submetida*. O processo, por tanto, é o próprio da arte que a partir de um colocar entre parênteses o cotidiano, abre a porta para outra realidade, trata-se por tanto de um ato criativo. O uso da metáfora, para Ortega, faz-se tanto mais necessário quanto mais nos aproximamos aos objetos que se escapam da experiência cotidiana, por exemplo, a psique humana: a metáfora nos permite pensar objetos extremamente abstratos. Miguel de Unamuno, num escrito sobre a *Paisagem Teresiana* identifica o campo como a metáfora. Ao analisar o processo dos pintores da paisagem, o filósofo aplicando as teorias platônicas sobre o conhecimento deduz que toda contemplação não é mais que uma lembrança, "Todo imaginar, todo conhecer é recordar. E toda lembrança é uma metáfora"

A proposta da autora levada ao âmbito da arquitetura implica a necessidade de desenhar o espaço como uma forma de conhecimento. Trata-se de oferecer lugares capazes de narrar, de contar histórias, de transmitir a verdade que levam dentro deles e do observador que os está contemplando. Um tipo de espaço representativo de esta época pós-contemporânea onde a racionalidade e irracionalidade, multiplicidade e unicidade, complexidade e simplicidade encontrem um espaço comum.

Bibliografía

- AA.VV. *La abstracción del paisaje. Del romanticismo nórdico al expresionismo abstracto*. Catálogo de la exposición Fundación Juan March. Editorial Arte y Ciencia, S.A... Madrid, 2007
- BACHELARD, Gastón. *La poétique de L'espace*. Presses Universitaires de France. Paris, 1957. *La poética del espacio*. Breviarios del Fondo de Cultura Económica. México. Trad. De Ernestina de Champourcin. 2006.
- FOUCAULT, Michel (1962) *Architecture, Movement, Continuité*, n5 conferencia pronunciada en el Círculo de estudios Arquitectónicos en 1967
- San Agustín, *Las Confesiones*, Libro X, 29, passim, en AA. VV. *La abstracción del paisaje. Del romanticismo nórdico al expresionismo abstracto*. Catálogo de la exposición Fundación Juan March. Editorial Arte y Ciencia, S.A... Madrid, 2007.
- PEREZ DE LABORDA, Alfonso *Jornada sobre la analogía*, Facultad de Teología 'San Dámaso', Madrid, 2006.
- ORTEGA Y GASSET, J. *Ensayo de estética a manera de prólogo*, in *Id., Obras completas*, vol. VI, Madrid, Rev. de Occidente, 1964, pág. 262 en ZAVATTA, Benedetta. La razón 'metafórica' de María Zambrano. Universidad de Urbino. Revista Electrónica de Estudios Filológicos. Disponible en <<http://www.um.es/tonosdigital/znum6/estudios/Zavatta.htm>> Consultado el 05 de agosto de 2008.
- PARDO, Jose Luis, *Las formas de la exterioridad*. Editorial Pre-Textos. Valencia. 1992
- PARDO, José Luis, *La intimidad*. Pre-textos, Valencia, 1996
- REMO BODEI, *Le forma del bello*. Società editrice il Mulino, Bologna 1998. Trad. Castellana: *La forma de lo bello*. Léxico de estética. La balsa de Medusa. Visor. Madrid 1998.
- SERGIO GIVONE. Historia de la estética. Técnos. Madrid, 2001.
- UNAMUNO, Miguel de. "Paisaje teresiano" en UNAMUNO, Miguel de. *Obras Completas*, edición y prólogo Ricardo Senabre, Madrid, Fundación José Antonio de Castro, 2004, Vol. 6, pp. 578-582;A., Madrid, 1987.
- ZAMBRANO, María. *Claros del bosque*. Editorial Seix Barral, S.A. Colección: LOS JOVENES BIBLIOFILOS. 1ª Edición. BARCELONA, 1978.
- ZAMBRANO, María. *Para una historia de la piedad*, Málaga, 1989, en ARMANDO SAVIGNA, María Zambrano. La ragione poetica. Marietti 1820, Génova-Milano, 2004. Trad. castellana: María Zambrano: *la razón poética*. Editorial Comares. Filosofía Hoy. Granada, 2005

Biography

Mercedes Camina del Amo is an architect and landscape expert by the Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad Politécnica de Madrid (ETSA-UPM). At present she is preparing her PhD thesis entitled "La intimidad de la mirada. *El habitar a través de Las Moradas de Santa Teresa*" at the Department of Architectural Projects ETSAM-UPM. She is researcher at the *Heritage Cluster of the Moncloa Campus* (CEI-Moncloa) and coordinator of the *International Centre for Heritage Studies* (CIESP). She has been assistant at the Architectural Projects Teaching Unit 'Dario Gazapo' and 'Gabriel Ruiz Cabrero'. She has coordinated the Master in Advanced Architectural Projects (MPAA). Also has coordinated the Associated MPAA PhD Program. She is member of the Educational Innovation Project '*Strategies for Innovation in Teaching and Training*'.

ⁱ PARDO, Jose Luis (1992), *Las formas de la exterioridad*. Editorial Pre-Textos. Valencia. Pág. 71

ⁱⁱ Ibid Pag.163

ⁱⁱⁱ ZAMBRANO, María. *Para una historia de la piedad*, Málaga, 1989, en ARMANDO SAVIGNA, *María Zambrano. La ragione poetica*. Marietti 1820, Génova-Milano, 2004. Trad. castellana: *María Zambrano: la razón poética*. Editorial Comares. Filosofía Hoy. Granada, 2005

^{iv} REMO BODEI, *Le forma del bello*. Società editrice il Mulino, Bologna 1998. Trad. Castellana: *La forma de lo bello*. Léxico de estética. La balsa de Medusa. Visor. Madrid 1998. Pág. 77

^v FOUCAULT, Michel (1962) *Architecture, Movement, Continuité*, n5 conferencia pronunciada en el Círculo de estudios Arquitectónicos en 1967

^{vi} PEREZ DE LABORDA, Alfonso *"Analogía del ser: ¿cuestión de creatividad o mero pensamiento?"* PEREZ DE LABORDA, Alfonso (ed.), *Jornada sobre la analogía*, F.T 'San Dámaso', Madrid, 2006. p.355

^{vii} San Agustín, *Las Confesiones*, Libro X, 29, *passim*, en AA. VV. *La abstracción del paisaje. Del romanticismo nórdico al expresionismo abstracto*. Catálogo de la exposición Fundación Juan March. Editorial Arte y Ciencia, S.A... Madrid, 2007. Pág. 18

^{viii} PARDO, Jose Luis (1992), *Las formas de la exterioridad*. Editorial Pre-Textos. Valencia. Pág. 209

^{ix} SERGIO GIVONE. *Historia de la estética*. Técnos. Madrid, 2001. Pág. 156

^x PEREZ DE LABORDA, Alfonso *Jornada sobre la analogía*, Facultad de Teología 'San Dámaso', Madrid, 2006.

^{xi} ORTEGA Y GASSET, J. (1914), *Ensayo de estética a manera de prólogo*, in Id., *Obras completas*, vol. VI, Madrid, Rev. de Occidente, 1964, pág. 262 en ZAVATTA, Benedetta. *La razón 'metafórica' de María Zambrano*. Universidad de Urbino. Revista Electrónica de Estudios Filológicos. Disponible en <http://www.um.es/tonosdigital/znum6/estudios/Zavatta.htm> Consultado el 05 de agosto de 2008.

^{xii} REMO BODEI, *Le forma del bello*. Società editrice il Mulino, Bologna 1998. Trad. Castellana: *La forma de lo bello*. Léxico de estética. La balsa de Medusa. Visor. Madrid 1998. Pág. 85

^{xiii} PALLASMAA, Juhani. *The eyes of the skin. Architecture and the senses*, Wiley-Academy, Chichester (West Sussex), 2005. Versión castellana "Los ojos de la piel" col. Arquitectura ConTextos. Ed. Gustavo Gili, Barcelona 2006. Pág.11

^{xiv} TODD, Andrew y LECAT, Jean-Guy. *The Open Circle*. Peter Brook's Theatre Environments. 2003 Versión Castellana: *El círculo Abierto*. Los entornos teatrales de Peter Brook. Alba Editorial, s.l.u. Barcelona, 2003. pág. 179